

XV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE
e PRÉ-ALAS BRASIL.

04 a 07 de setembro de 2012, UFPI, Teresina-PI.

Grupo de Trabalho: GT19 - Juventudes, territorialidades e identidades

Titulo: CONCEPÇÃO (ÇÕES) DAS JUVENTUDES SOBRE GÊNERO E
SEXUALIDADE

Autoras:

Nadja Rinelle Oliveira de Almeida- Universidade Federal do Ceará
(UFC) nadjarinelle_234@hotmail.com

Maria Isabel Bezerra Linhares- Universidade Federal do Ceará
(UFC) isabelblinhares@yahoo.com.br

Francisca Joelina Xavier- Universidade Estadual Vale do Acaraú
(UVA) joelinaxavier@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este artigo versa sobre uma experiência de pesquisa participante desenvolvida junto a dez jovens estudantes da Escola Estadual de Educação Profissional Dom Walfrido Teixeira Vieira (Liceu), no município de Sobral, CE. Nele buscamos revelar através das vozes e dos olhares dos jovens as concepções que eles constroem sobre as temáticas “gênero e sexualidade”. Na oportunidade procuramos levantar reflexões construídas durante nossas trajetórias de formação e atuação enquanto pesquisadoras e membros do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Culturas Juvenis-GEPECJU.

Atualmente, compreendemos que as categorias sexualidade e gênero tem se configurado como temas importantes de discussão entre os jovens inseridos nas instituições escolares embora as preocupações em torno das sexualidades, das homossexualidades e das identidades e expressões de gênero não sejam relativamente novas no espaço escolar, sendo, portanto trabalhadas apenas de maneira superficial.

No Brasil, só a partir da segunda metade dos anos de 1980, elas começaram a ser discutidas mais abertamente no interior de diversos espaços sociais, entre eles, a escola e a universidade. Até então, nas escolas, quando os temas relativos à sexualidade apareciam no currículo, ficavam circunscritos às áreas de Ciências ou, eventualmente, a Educação Moral e Cívica e, na maioria das vezes, esse debate se dava de forma esporádica, em locais fora do ambiente escolar por profissionais ligados a saúde e educadores que atuavam em organizações da sociedade civil.

Segundo Louro (2000) falar destas temáticas em tempos remotos era “assunto para adultos”, fosse no espaço escolar, fosse no espaço familiar. Para a autora, os trabalhadores da educação, sobretudo da educação escolar devem romper com esse paradigma ao acreditarem que estas contribuem para o pleno desenvolvimento dos educandos.

Em nossa sociedade, apesar das muitas informações disponíveis nas mídias sobre o tema sexualidade, ainda percebemos que este tema encontra-se cercado de mistério e tabus, o que contribui para que jovens sintam-se intimidados em procurar os pais, os educadores e/ou profissionais da saúde

para esclarecer dúvidas, favorecendo com isso a prática do sexo de forma insegura. (SOUSA, FERNANDES e BARROSO, 2006).

Com estas lacunas é comum encontrarmos por parte dos jovens o desejo de discutir sobre as referidas temáticas nos seus diversos espaços de convivência, dentre eles a instituição escolar. Por conta disso fomos instigadas a entender como essas categorias estão inseridas no cotidiano desses jovens, como eles rompem ao buscar conhecê-las, apesar da intolerância e resistência ainda encontradas nas práticas de alguns educadores e pais.

Este artigo se divide em alguns momentos. No primeiro tivemos o cuidado de apresentar nosso jeito de caminhar na pesquisa de campo e como fomos conduzindo esses momentos. No segundo momento, apresentamos as concepções dos jovens sobre gênero, em seguida, apontamos as concepções dos jovens sobre sexualidade e por fim, apresentamos nossas considerações.

2. NOSSO JEITO DE CAMINHAR: aspectos metodológicos

Os sujeitos participantes da pesquisa correspondem a dez sujeitos com idade entre 15 a 17 anos. Todos estudam na Escola Estadual de Educação Profissional Dom Walfrido Teixeira Vieira (Liceu). Dos onze, cinco estudam o Curso Técnico de Enfermagem, três estudam o Curso Técnico de Logística e três estudam o Curso Técnico de Computação. Oito são do sexo feminino e três são do sexo masculino. Todos são do grupo Protagonismo Juvenil da escola. Todos moram em Sobral-Ceará.

Para buscar identificar as concepções dos jovens escolares sobre gênero e sexualidade, considerando suas experiências de vidas, realizamos uma pesquisa participante com caráter qualitativo utilizando para coleta de dados a entrevista, a fotografia e a técnica do grupo de discussão.

A pesquisa participante foi escolhida por trazer uma abordagem de investigação social por meio do qual se busca plena participação da comunidade na análise de sua própria realidade, com objetivo de promover a participação social para o benefício dos participantes da investigação. Trata-se, portanto, de uma atividade educativa de investigação e de ação social. (BRANDÃO, 1985).

A escolha da abordagem qualitativa, parte do princípio que esta ajudaria a responder nossos objetivos propostos uma vez que oferece apoios metodológicos que possibilitam o pesquisador a compreender e analisar de forma mais consistente os sujeitos nas relações estabelecidas pelo contexto social.

Para Minayo (2004) “a investigação qualitativa requer como atitudes fundamentais a abertura, a flexibilidade, a capacidade de observação e de interação com o grupo de investigadores e com os atores sociais envolvidos”.

A pesquisa qualitativa envolve a interação pesquisador-participante, a qual lida com interpretações das realidades sociais, buscando explorar espectros de opiniões em um grupo social específico (BAUER; GASKELL, 2002).

Neste sentido, abordagem qualitativa complementa a pesquisa participante, pois, “tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento” (Idem. p.11), e, no entanto, exige que o pesquisador tenha contato constante com a questão estudada através do trabalho intensivo de campo.

Para a obtenção dos dados empíricos foi importante a utilização da entrevista semi-estruturada, pois possibilitou que nós pudessemos compreender as subjetividades dos sujeitos. Foi utilizado um roteiro previamente estabelecido, mas respeitamos todas as expressões, falas e indagações elucidadas pelos sujeitos da pesquisa. Appolinário (2009) afirma que é importante o respeito das informações espontâneas dadas pelo entrevistado. Já o uso das fotografias foi importante para identificarmos as expressões dos jovens em espaços frequentados por eles.

A técnica do grupo de discussão foi utilizada com o objetivo de capturarmos suas singularidades e subjetividades dos jovens quanto às temáticas gênero e sexualidade. Para Weller (2010) o grupo de discussão possibilita a análise do contexto ou do meio social dos entrevistados, assim como de suas visões de mundo ou representações coletivas.

3. JUVENTUDES E GÊNERO: para além do registrar fotografias



Fotografia 01¹

Fotografia 02²

1Fotografia extraída do link <https://www.facebook.com/profile.php?id=100003012281797> após autorização assinada pelos jovens sujeitos da pesquisa.

2Fotografia extraída do link <https://www.facebook.com/profile.php?id=100003012281797> após autorização assinada pelos jovens sujeitos da pesquisa.



Fotografia 03³

Ao navegar pelos caminhos investigativos, se aproximar dos sujeitos a serem investigados utilizando as novas tecnologias, encontramos essas imagens no Facebook de um dos jovens que sinalizavam as discussões de gênero.

Desde então, passamos a entender que as redes sociais pode ser um espaço onde esses jovens podem compartilhar suas concepções sobre algumas temáticas que circulam diariamente em seus cotidianos, como a de gênero, por exemplo, rompendo inclusive com as barreiras que possam circular em torno dela, ou até mesmo convidar os outros jovens a pensar sobre isso.

Diante disso, fomos movidos a trazer essa temática para tentar desvelar suas intenções quando resolveram expor essas imagens na mídia através das redes sociais.

Acreditamos diante desse comportamento que os jovens utilizam cotidianamente os espaços das redes sociais para mostrarem-se, expressarem seus sentimentos, ideais, vontades, desejos e escreverem sobre as questões e temáticas que lhes chamam atenção, lhes afligem, tem afinidade e que lhes possibilitam ter maior visibilidade. As redes sociais desta forma são utilizadas pelos jovens como ferramenta de expressão dos ideais, gostos, estilos e busca de identificação com seus pares.

³Fotografia extraída do link <https://www.facebook.com/profile.php?id=100003012281797> após autorização assinada pelos jovens sujeitos da pesquisa.

Jovens e adultos livres para desejar e consumir (ROURE, 2009) conectam-se à rede e exploram o ciberespaço em busca de experiências virtuais. A autora acredita que nesse espaço, muitos desaparecem corporalmente para se tornarem objetos de sua descrição, cujo conteúdo e cujos interlocutores acreditam poder controlar. Livres dos corpos, vestem novos personagens e adotam identidades fictícias, na maioria das vezes, de natureza provisória. Os laços podem ser estabelecidos a partir da lógica do instantâneo, pois ante a demanda do outro, sempre se poderá sair de cena, ou seja, desconectar. Sobre o ciberespaço, local onde acontece essas expressões e relações, pode ser encontrado a partir de Lévy (1999, p.92).

É o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores. A palavra “ciberespaço” foi inventada em 1984 por William Gibson em seu romance de ficção científica *Neuromante*. No livro, esse termo designa o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural [...] o ciberespaço de Gibson torna sensível a geografia móvel da informação, normalmente invisível. O termo foi imediatamente retomado pelos usuários e criadores das redes digitais.

De um modo mais específico, o ciberespaço agrega imagens, sons, palavras, pensamentos, sentimentos, emoções, sendo este um palco de inúmeras práticas culturais realizadas pelos humanos. A expressão ciberespaço ou *ciberespace* “faz parte do estoque de metáforas que, há bastante tempo, procuram definir certas características contemporâneas” (PINTO; NETO, 2010, p. 259).

Já Sales (2010) percebe esse acesso ao ciberespaço como uma oportunidade de descoberta de novos espaços, onde poderá se desenvolver teias de relações, redes de discussões, podendo ser um lugar onde os jovens poderão compartilhar experiências, conhecimentos, emoções e sensações.

Seguindo a concepção da autora supracitada decidimos realizar um grupo de discussão para identificarmos a (as) concepção (ções) que os jovens carregam consigo sobre a temática gênero, dando ênfase as suas experiências cotidianas. Para nós era importante perceber o que existia para além do que aquelas imagens representavam e as intenções que moveram esses jovens a inserirem essas fotos em uma rede social.

Para iniciarmos um diálogo junto aos jovens, fizemos a seguinte pergunta norteadora: o que eu sei sobre a temática Gênero?. Para que os jovens expressassem suas concepções sobre esta categoria, solicitamos-lhes que os mesmos escrevessem numa tarjeta e depois no grupão socializassem através da fala suas respostas.

Vejam como os jovens compreendem no seu cotidiano sobre a temática Gênero:

É ser homem e mulher. (Jovem 01)

É ser o que você é. Se nasceu homem é homem. Se nasceu mulher é mulher. (Jovem 04)

Pessoas que nascem e cresce de acordo como nasceu. (Jovem 05)

As falas nos levam a refletir que a concepção de gênero vivenciada pelos jovens está ligada aos aspectos biológicos e a uma visão dicotômica entre homem-mulher que os torna limitada. Visão esta que é adquirida nos espaços que estes jovens estão construindo sua concepção de mundo.

Para Louro (2000) a concepção de papéis de gênero é redutora e simplista, pois remete ao sujeito e as relações onde a desigualdade tende a ser vista de forma face a face. Ficando de fora a análise das múltiplas formas de masculinidade e feminilidade e as complexas redes de poder que através de instituições e discursos constituem hierarquia entre os gêneros.

Neste aspecto, é necessário as juventudes “desconstruir o caráter permanente da oposição binária masculino-feminino – pensamento dicotômico e polarizado sobre os gêneros – homens e mulheres como pólos opostos, dominação-submissão”. (Scott in Louro, 2000).

Nas observações percebemos também que os jovens do sexo masculino cultuam uma visão “machista” do ser homem e as jovens do sexo feminino cultuam uma visão de mulher ligada a “fragilidade”. Achamos isso curioso, então tentamos conduzir mais essa discussão para tentar desconstruir essa norma construída culturalmente pelo contexto social e compactuamos com Louro (2000, p. 06) para nos ajudar neste processo, pois a autora nos revelou que:

A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.

Neste percurso entendemos que seria necessário também elaborarmos algumas perguntas que pudessem levá-los a refletir sobre suas respostas quando se referem ao “ser homem” e “ser mulher”. Selecionamos as seguintes perguntas: na sociedade atual tem um perfil de homem e de mulher? Com quem aprendemos esse tipo de discurso? A mulher sempre é frágil e o homem não deve chorar? Solicitamos para os jovens relatarem algo que vivenciaram e que os fazem carregar consigo essa visão sobre gênero. Ouvimos as seguintes falas.

“desde criança minha mãe me veste roupa de cor azul e meu pai nunca deixou eu chorar perto dele, sempre dizia engole o choro, homem não chora” (Jovem 03).

“ sempre quando eu ia brincar de bola no terreiro de casa, os meninos me chamavam de aria homem, e não entendia porque sempre namorei homem e gosto de homem” (Jovem 05).

“ sempre gostei de brincadeiras de meninos, minha mãe sempre brigava comigo, dizia que eu tinha que brincar de boneca e com as meninas. Hoje eu entendo o porque disso. Ela tinha medo de eu gostar de mulher” (Jovem 06).

Diferente das fotografias apresentadas na rede social, as falas acima revelam que a visão limitada sobre gênero expressada pelos jovens está diretamente atrelada aos valores familiares, sociais e culturais da sociedade em que os jovens vivem.

Neste aspecto nos indagamos: De que forma as juventudes escolares estão apreendendo as concepções sobre gênero e sexualidade na escola?

Para buscar aprofundar nossa indagação, realizamos outro grupo de discussão. Para iniciarmos nosso debate apresentamos os vídeos “Vida Maria” e “Eu não quero voltar sozinho”. Após a sessão dos vídeos, solicitamos que os jovens expressassem através da fala seus sentimentos quanto aos vídeos. As falas abaixo relatam um pouco do que as juventudes buscaram apresentar dentro e fora do contexto escolar.

O vídeo Vida Maria retrata a vida de nossa mãe, mulher que nasceu somente para ter filhos e cuidar do lar. Já o segundo vídeo, retrata a vida de jovens que gostam do mesmo sexo, que buscam sua felicidade, indo até contra a sociedade. Aqui na escola tem muito jovens assim, que estão indo em busca de sua realização. (Jovem 04).

Para mim, o “eu não quero voltar sozinho” faz parte de nossa vida escolar. Vejo muitas meninas e meninos ficando com outras do mesmo sexo no banheiro da escola, na pracinha. Tem gente que até namora sem a mãe saber. (Jovem 06).

A juventude é um momento de descobertas, experimentações. Percebemos que no ponto de vista desses jovens a instituição escolar ao mesmo tempo em que se configura como um espaço que oportuniza essas descobertas e essas experimentações, ela silencia e nega essa forma que os jovens vivenciam as relações de gênero e sexualidade. Ou seja, a escola preocupa-se com a formação desse jovem, que geralmente está ligada com a perspectiva de futuro refletida pelo mercado de trabalho, a preparação para a vida adulta, esquecendo-se que essas questões são inerentes para que haja o preparo para o exercício da cidadania proposto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN).

Como afirma Dayrell (2003, p. 40-41), experienciar a condição de ser jovem está para além da preparação para a vida adulta. Mas, infelizmente, depara-se

no cotidiano com uma série de imagens a respeito da juventude que interferem na nossa maneira de compreender os jovens. Uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é “um vir a ser”, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente.

Como fazer com que os jovens tenham outras posturas diferentes, se eles não são permitidos de expressarem seus desejos, vontades, expressões? Como romper com essa cultura silenciada no contexto escolar, familiar e comunitário?

Para desvelar como os jovens buscam romper com a cultura silenciada, sugerimos que os jovens se dividissem em dois grupos e que apresentasse de forma criativa o que apreenderam sobre a temática gênero. Os dois grupos escolheram o teatro e apresentaram as seguintes esquetes: “Juventude e

Virgindade: um dialogo familiar” e “Juventude sem Homofobia”. As expressões corporais, faciais e a oralidade dos jovens nas cenas buscaram desconstruir todo um padrão de virgindade, família, sexualidade e gênero dominante na sociedade.

Na cena “Juventude e Virgindade: um diálogo familiar”, os jovens buscaram romper com o padrão de família nuclear, bem como retrataram a vida de um menino que buscava ter sua iniciação sexual com um garoto.

Percebe-se que sexualidade é um tema que desperta a curiosidade dos jovens e esta esquete veio demonstrar a necessidade que eles tem de manter o diálogo com a família sobre a referida temática. Embora essas informações estejam inundadas por todos os locais, principalmente no universo virtual, o diálogo com a família ainda se torna algo privilegiado. Seja para apresentar suas concepções sobre sexualidade, seja para descobrir como isso acontece ou poderá acontecer em seus cotidianos.

Já na cena “Juventude sem Homofobia” o grupo apresentou a vida de um menino que namorava mulher, mas gostava de meninos.

Diante deste cenário é visível perceber que há o desejo dos jovens de romper com os modelos tradicionais de relação entre homem e mulher e usa a palavra homofobia para exemplificar a necessidade que se tem de quebrar esses paradigmas que existem principalmente nas instituições escolares.

Muito embora as lutas do movimento homossexual tenham alcançado êxito em alguns aspectos, os conflitos e desigualdades decorrentes da homofobia continuam presentes nos mais diversos espaços de socialização dos sujeitos, de modo que, no âmbito da educação formal, tais conflitos estão presentes no cenário do espaço escolar e apresentam-se como um desafio a educadores/as que visam desenvolver práticas educativas de enfrentamento as desigualdades ocasionadas por preconceitos e discriminação em virtude da orientação sexual e do gênero. (JOCA, 2008).

Neste aspecto, percebemos que as juventudes escolares são um potencial para a desconstrução dos padrões dominantes e estereotipados pela sociedade. Que estão de certa forma dentro de suas possibilidades buscando romper com as culturas silenciadas.

4. DESVELANDO VOZES E OLHARES DE JOVENS SOBRE SEXUALIDADE

Dialogar sobre sexualidade é um desafio para educadores e para os próprios jovens. No entanto, “é um direito assegurado para todos os cidadãos” (Conferência Internacional sobre a Mulher, 1995), que deve permear entre a abordagem de saúde e educação.

Assim, para identificarmos as concepções dos jovens sobre sexualidade, optamos por realizar um encontro utilizando a técnica do grupo de discussão no espaço da escola.

Ao desenvolvermos o grupo de discussão procuramos primeiramente identificar qual a (as) concepção (ções) dos sujeitos sobre sexualidade. Para tanto, abrimos nosso encontro instigando-os a trazer suas concepções sobre sexualidade, realizamos a seguinte pergunta aberta: O que é sexualidade?

Deixamos que eles constituíssem suas respostas em uma folha A4 para posteriormente socializarem entre os demais. Segue algumas respostas dos sujeitos:

Pra mim sexualidade é fazer sexo com segurança, responsabilidade, saber o que ta fazendo se é isso mesmo que você quer fazer. (Jovem 1)

Sexualidade não se baseia em apenas sexo, e sim a diversas fases de sua juventude como a primeira transa, gravidez na adolescência, puberdade, homossexualidade etc. (Jovem 2)

É falar de varias coisas como perda da virgindade sem medo de falar pois será uma conversa ética. (Jovem 3)

As vozes acima nos levaram a entender que fatores biológicos, sociais, políticos e psicológicos influem diretamente na formação e no direcionamento da sexualidade dos sujeitos. Sobre isso, Louro (2000, p.06), nos esclarece que “sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções, processos profundamente culturais e plurais”.

Já Foucault (1985) afirma que sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos

conhecimentos, o esforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo grandes estratégias de saber e de poder.

O que podemos observar, portanto, é a necessidade de se estender o debate sobre sexualidade não somente na área da saúde, mas, sobretudo na educação. Contudo, ainda existe por parte dos pais, da escola e dos próprios professores a necessidade de caminhar junto com esses jovens para que eles possam apreender conhecimentos sobre o tema para além do que ele já vivencia em seu cotidiano.

No Brasil, principalmente nas últimas décadas, escolas de todo país têm inserido, de forma programada ou não, a temática da sexualidade junto a jovens em suas práticas educativas. É verdade que, apesar dos avanços obtidos no campo da sexualidade, precisamos reconhecer a permanência de tabus e preconceitos em torno da sexualidade humana, especialmente os relacionados à orientação sexual, alimentados pelos diversos espaços de produção e reprodução de valores sociais e sexuais. No âmbito social, a escola é apenas um desses espaços e, como parte desse todo, funciona de acordo com seus valores e condutas hegemônicas. (JOCA, 2008).

No espaço escolar, pelas condutas hegemônicas, há intolerância e resistência para abordar tal temática que ao longo das gerações não passou apenas de uma educação sexual sendo posta nos currículos como um tema que faz parte dos conteúdos que abordam a diversidade, ficando a cargo dos pais e do professor e do setor saúde a responsabilidade de está trabalhando a sexualidade, ao atribuí-la somente ao sexo, sem envolver questões educacionais e sociais que são inerentes a esta categoria. Por isso, a necessidade da escola, como instância social responsável pelo desenvolvimento de seus educandos constituir esse olhar que foge dos padrões rígidos impostos pela sociedade durante décadas.

5. VIVENCIAR SEM DIALOGAR? UM DESAFIO PARA O ESPAÇO ESCOLAR

O estudo possibilitou apreender com os jovens que não podemos limitar nossos olhares para as categorias gênero e sexualidade. Apreendemos

também que as concepções reveladas pelos jovens estão de acordo com seu cotidiano comunitário, familiar e escolar.

A pesquisa nos revelou também que a atenção integral direcionada aos adolescentes e jovens constitui-se um desafio a ser enfrentado pelos profissionais inseridos na rede socioassistencial de Sobral. Com isso se faz necessário a realização de mais estudos e pesquisas que venham a contribuir para a construção de conhecimentos dos jovens sobre a referida temática.

Diante disso acreditamos que a escola precisa entender essa diversidade para que junto a outros setores que formam a rede socioassistencial possam entender melhor essa juventude e trabalhar melhor alguns temas, como gênero e sexualidade, que ainda são vistos ou pouco discutidos na instituição escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes Nacionais para Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde**. Área técnica de saúde do adolescente e do jovem. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BRANDÃO, Carlos R. *Repensando a Pesquisa Participante*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE A MULHER, 4., 1995, Pequim. ANAIS...[S.l.]: ONU, [1995]. Disponível em: <http://www.un.org/womenwatch/daw/beijing/pdf/BDPfA%20E.pdf>. Acessado em 06 de março de 2012.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação. Set /Out /Nov /Dez 2003. No 24.

FRANÇA, Inacia Sátiro Xavier de; BAPTISTA, Rosilene Santos. **A construção cultural da sexualidade brasileira**: implicações para a enfermagem. Rev Bras Enferm, Brasília, v. 60, n. 2, p. 202 – 6, 2007.

JOCA, Alexandre Martins. **Diversidade sexual na escola: um “problema” posto à mesa**. 2008. Dissertação. (Mestrado em Educação). – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

LEON, Adriano Azevedo Gomes de. **As Artes da Tirania: sexo, Foucault e Teoria Queer**. Ariús, Campina Grande, v. 16, n. 1/2, p. 56 – 63, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu Costa. São Paulo: Editora 34, 1999 (Coleção TRANS).

ROURE, Glacy. Orkut e socialização de jovens. In: GUIMARAES, Maria Tereza et SOUSA, Sonia M. **Juventude e contemporaneidade- desafios e perspectivas**. Belo Horizonte, Cênone/PUC Minas, 2009.

SALES. Celecina de Maria Veras. **Gênero e Juventude: diversidade do viver tecnológico**. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diáspora, diversidade, deslocamento na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) , 2010.

_____. Juventude, espaços de formação e modos de vida. **Revista Temática Digital (ETD)**, Campinas, v. 12, n. esp., p. 24-41, set. 2010. ISSN: 1676-2592.

_____. **Juventudes, Novas Experimentações, Conexões e Interatividade**. Texto apresentado no XV Congresso Brasileiro de Sociologia. Curitiba, jun. 2011.

SOUSA, Leilane Barbosa de; PINTO, Janaína Franscisca; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. **Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar**. **Acta Paul Enferm. São Paulo**, v. 19, n. 4, p. 408 – 13, 2006.